

***Teimoso como uma mula e mais carregado que burro de mascate: heranças linguístico-culturais em expressões idiomáticas de matriz comparativa***  
***Stubborn as a mule and loaded as a donkey: cultural and linguistic heritage in comparative idioms***

Giselle Olivia Mantovani Dal Corno\*  
Odair José Silva dos Santos\*\*  
Cristina Benedetti\*\*\*

---

**RESUMO:** Estudar a fraseologia de uma determinada língua permite observar aspectos sociais e culturais da(s) comunidade(s) que a fala(m). Ao investigar o papel dos tropeiros na história do Brasil nos séculos XVIII e XIX, bem como sua contribuição para o acervo lexical da língua portuguesa, deparamo-nos com muitas expressões idiomáticas que refletem o modo de vida daqueles que cruzaram o país, do sul ao nordeste, transportando mercadorias para abastecer os mercados e levando muares para serem comercializados na grande feira de Sorocaba. Este trabalho volta-se para as expressões idiomáticas de matriz comparativa que incluem os zoônimos *burro* e *mula* em sua relação com o fenômeno do tropeirismo. Inicialmente, apresentamos algumas informações de cunho teórico a respeito de expressões idiomáticas, focalizando as de matriz comparativa. A seguir, apresentamos dados relevantes sobre o tropeirismo e o papel de burros e mulas nesse contexto. São então apresentadas e analisadas 16 expressões idiomáticas de matriz comparativa, coletadas em antologias e dicionários de fraseologia. Buscamos, por fim, evidenciar traços da herança linguístico-cultural deixada pelo tropeirismo em seus mais de dois séculos de atividade no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fraseologia. Expressões idiomáticas de matriz comparativa. Zoônimos. Tropeirismo.

---

**ABSTRACT:** By studying the phraseology of a language it is possible to observe social and cultural aspects of the communities that speak that language. While investigating the role of muleteers in Brazil during the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries, as well as their contribution to the lexicon of Portuguese, one comes across many idioms that reflect peculiarities of the life of those who crossed the country from south to northeast carrying goods to supply markets and providing draft animals to be sold at the great Sorocaba fair. This paper focuses comparative idioms that include the zoonyms *donkey* and *mule*, in their relation with the muleteers. Some theoretical information on idioms and comparative idioms are provided; then information on the routines of muleteers in Brazil and on donkeys and mules is added. Sixteen idioms, collected from phraseological anthologies and regional dictionaries are then presented and analyzed. Final remarks are then made in an attempt to highlight linguistic and cultural traits that can be traced in over two centuries of muleteer activities in Brazil.

**KEYWORDS:** Phraseology. Comparative idioms. Zoonyms. Muleteers.

---

\* Doutora em Letras. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (RS) – giselle.mandal@gmail.com

\*\* Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. Professor de Língua Portuguesa e Língua Espanhola do IFRS (Câmpus Feliz – RS) – odairzile@hotmail.com

\*\*\* Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Inglês – Universidade de Caxias do Sul (RS) – tina\_benedetti@yahoo.com.br

## 1. Introdução

A linguagem verbal é constitutiva do ser humano e o distingue dos outros animais, ditos irracionais. A linguagem se concretiza socialmente no discurso, e o discurso, por sua vez, “torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2005, p. 15); eis porque “o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (ORLANDI, 2005, p. 15). Como nos diz Alvarez (2012, p. 11), é a produção verbal de um falante em resposta a uma dada situação contextual que origina o discurso.

Para expressar-se, o ser humano pode lançar mão de todo o acervo lexical existente em sua língua – e até de línguas estrangeiras –, combinando unidades lexicais ou mesmo criando novas, obedecendo a regras subjacentes e a regras de língua em uso. Entre as inúmeras possibilidades está também a de utilização de combinações poliléxicas para designar e/ou referir algo ou expressões multipalavra para expressar um pensamento. Quando um pensamento é expresso tantas vezes por uma mesma fórmula relativamente fixa, esta deixa de ser uma instância pontual *ad hoc* de discurso. Muitas dessas fórmulas, mesmo quando aplicadas a diferentes contextos, já se encontram cristalizadas em sua forma e significado. Pelo seu caráter de fixidez e pela amplitude de seu uso social, esse tipo de combinação de palavras passa a ser estudado como uma unidade, e como tal merece atenção especial nos estudos da linguagem, sendo objeto de estudo da *fraseologia*.

De modo amplo, chamamos *frasesmas* às unidades de análise da fraseologia. Mattoso Câmara (1984, p. 122) refere-se a “frases feitas, isto é, fossilizadas em sua forma e seu sentido e usadas no discurso à maneira de uma locução.” Mejri (cf. 2012, p. 140-142) procura encontrar os critérios por detrás da profusão de termos usados para referir essas unidades, que apresentam como característica mínima o fato de serem uma sequência fixa. Em língua portuguesa, são mais comuns os termos *unidade fraseológica* ou *fraseologismo*, e diferentes autores, ao mesmo tempo em que propõem diferentes denominações para tipos específicos dessas unidades, reconhecem a importância de seu emprego na linguagem cotidiana, como ilustra Urbano (2008):

São provérbios, ditados, lugares-comuns, circunlóquios populares que agilizam e dão colorido e expressividade às frases dos falantes, quando em situações distensas e descontraídas, discorrendo sobre temática utilitária ou livre do cotidiano, por meio de linguagem totalmente informal, espontânea e despolicada. (URBANO, 2008, p. 40).

De acordo com Meiri (1998), subjacentes aos comportamentos sintáticos das sequências fixas estão mecanismos semânticos profundos. Considerados sob esse viés, os estudos na área da fraseologia não só permitem refletir sobre questões no campo da linguagem, como também contribuem para compreender determinada comunidade por meio do registro e análise das expressões que compõem seu acervo linguístico-cultural.

Conforme Alvarez (2012),

É através da fraseologia que as singularidades de uma língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e cultura. [...]

As convenções são socialmente motivadas e, conseqüentemente, relativas a uma cultura específica e ao movimento histórico-social, o que conduz o indivíduo a escolhas informadas por uma compreensão de sua relação com o discurso no determinado contexto, no qual se inserem e no interior do qual negociam uma identidade para si próprios. (ALVAREZ, 2012, p. 11)

Neste trabalho, focalizaremos o tipo de unidade fraseológica conhecida como *expressão cristalizada*, *expressão idiomática* ou *idiomatismo*, e mais especificamente o subtipo que Xatara (1997) denomina *expressão idiomática de matriz comparativa*. Com o objetivo de contribuir para os estudos da fraseologia em língua portuguesa, enfatizando sua relação com os aspectos sociais e culturais de uma comunidade, tomaremos como unidades de análise expressões idiomáticas de matriz comparativa que fazem referência ao fenômeno histórico-econômico-social do *tropeirismo* no Brasil e que incluem as lexias *burro* e *mula*. Primeiramente, faremos uma retomada teórica sobre as expressões idiomáticas de matriz comparativa, explicitando alguns critérios de análise. Em seguida, apresentaremos algumas informações sobre o tropeirismo, de modo a possibilitar a compreensão sobre esse fenômeno e os “modos de falar” a ele relacionados; essas informações servirão de base para acompanhar a proposta de análise de 16 expressões contendo *burro* e *mula*, coletadas em antologias e dicionários de fraseologia, bem como em dicionários de expressões regionais e outras obras de cunho regional. Buscaremos, por fim, evidenciar traços da herança linguístico-cultural deixada pelo tropeirismo em seus mais de dois séculos de atividade no Brasil e o modo como esses traços se manifestam nas unidades fraseológicas analisadas.

## 2. Expressões idiomáticas

No âmbito dos estudos fraseológicos, merecem destaque as sequências fixas conhecidas como *expressões cristalizadas*, *expressões idiomáticas* ou *idiomatismos*, não só por sua abundância e frequência na linguagem cotidiana quanto pela diversidade de formas em línguas diferentes, inclusive o português. Neste trabalho, usaremos o termo *expressão idiomática* (doravante EI), adotando a definição proposta por Xatara (1998b, p. 170): uma “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

Para Xatara (1998a), duas são as principais razões para essa profusão de EI em um determinado idioma:

Em primeiro lugar, porque podemos contrapor a seu caráter previsível e a seu automatismo, desgastado pela frequência de emprego, um poder surpreendentemente criativo de seus efeitos sobre os usuários, através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal. Em segundo lugar, porque o mundo das EI revela uma espessura simbólica, em que aflora o inconsciente, acionando transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções. (XATARA, 1998a, p.148)

Tagnin (2005, p. 62) lembra que uma estrutura idiomática apresenta um significado não-composicional, apontando para o fato de “o significado da expressão toda não ser previsível a partir do significado de suas partes.”. Enfatiza, porém, que a “idiomaticidade de uma expressão pode ser apenas parcial” e que “é um aspecto que pode existir em maior ou menor escala numa expressão, ou seja, uma expressão não é necessariamente idiomática ou não-idiomática, podendo apresentar maior ou menor grau de idiomática” (TAGNIN, 2005, p. 62).

Ao comentar seu aspecto de fixidez ou cristalização, Riva (2009, p. 31) ressalta a relativa “estabilidade na significação de uma EI” no âmbito de uma comunidade, e sua “restrita possibilidade de variação” (RIVA, 2009, p. 44). Lembra também que a “consagração do uso de uma EI pela tradição cultural da comunidade linguística em que ela se encontra é imprescindível para que o idiomatismo seja considerado como tal” (RIVA, 2009, p. 30).

Para Baranov e Dobrovolskij (2008, apud DOBROVOL'SKIJ, 2012, p. 22), as EI são uma importante categoria de frasemas, incluindo várias subclasses, entre as quais se encontram as *expressões binomiais* e as *expressões formulaicas*, além dos *símiles* ou *comparações*, que são o foco principal deste trabalho.

Entre os diversos pesquisadores que se debruçaram sobre a presença da comparação em

expressões idiomáticas, merecem destaque os trabalhos de Xatara, desde sua dissertação de mestrado, de 1994. Em artigo de 1997, a autora identificou dez subtipos de expressões idiomáticas que chamou de “casos especiais”, entre as quais localizou aquelas de matriz (ou base) comparativa, sobre as quais discorreremos a seguir.<sup>1</sup>

## 2.1 Expressões idiomáticas (EI) de matriz comparativa

As EI de matriz comparativa têm como característica principal sua estrutura formal, construída a partir da figura de linguagem conhecida como *símile*, que é assim definida por Azeredo (2011, p. 496): “Comparação assimilativa por meio da qual uma coisa é explicitamente equiparada a outra”. O gramático ressalta que, geralmente, a comparação é “realizada mediante o uso da conjunção *como* ou equivalente (*tal como, tal qual, etc.*)”, através do que se dá

o cotejo de formas de significação diferente, de sorte que o receptor da mensagem é induzido a projetar, no termo comparado [...] propriedades relevantes do termo comparante [...]. A finalidade do *símile* é orientar o pensamento do receptor da mensagem, tornando mais perceptível a relação que se pretende estabelecer entre os fatos ou seres envolvidos no processo de comparação. (AZEREDO, 2011, p. 496)

Deste modo, quando nos referimos a algo ou alguém usando, por exemplo, a expressão idiomática *Rápido como um raio*, queremos exaltar, pela aproximação às características conhecidas de um raio (descarga elétrica que se manifesta como luz), a rapidez desse referente (a velocidade da luz), e é o *símile* que torna a comparação mais clara.

Para Xatara (1997), assim como

qualquer expressão idiomática, as expressões idiomáticas de matriz comparativa são frases mínimas, formas em que os elementos – propriedades adjetivas ou verbais e comparantes – não podem ser omitidos, mas não resultam de um processo de criação de um indivíduo, num determinado momento, constituindo um recurso poético que garante o caráter de surpresa; representam, sim, um automatismo desgastado pela frequência (XATARA, 1997, p. 220).

A autora cita Mejri (1994) quando afirma que essas expressões “servem para marcar um grau de intensidade mesmo se a relação semântica entre os dois elementos da comparação for

---

<sup>1</sup> Os outros nove tipos de EI mencionadas por Xatara são: alusivas, análogas, apreciativas, deformadas, hiperbólicas, irônicas, negativas e numéricas.

indireta” (XATARA, 1998b, p. 172-173), o que ocorre quando se atribuem ao comparante semas de maneira imotivada (como, por exemplo, *Burro como uma porta*, em que *porta* não contém o sema inteligência/falta de inteligência), ou de modo sincronicamente arbitrário (*Trabalhar como um negro* – referência ao trabalho escravo no Brasil, hoje oficialmente inexistente), ou, ainda, quando a comparação não necessariamente reflete o pensamento do locutor. De fato, Azeredo (2011, p. 496) ressalta que uma comparação mais indireta tende a reforçar essa intensidade porque o “símile de maior rendimento é, obviamente, o que ativa a associação de domínios conceptuais aparentemente sem correspondência”, já que é dessa forma que “o enunciador consegue delimitar o alcance singular de sua percepção e desencadear uma experiência equivalente no receptor.”

Num primeiro estudo sobre expressões idiomáticas de matriz comparativa (doravante EIC) focalizando a temática do *tropeirismo*, Dal Corno e Santos (2014) analisaram 20 “ditos populares” constantes no *Dicionário gaudério* (FISCHER; ABREU, 2011), nos quais identificam no termo comparante Y sempre um sujeito (personagem humano ou animal) ou circunstância (situação ou acontecimento) comum ou verossímil no universo tropeiro. O elemento qualificador é uma característica, atributo ou propriedade P que é pressuposta no termo comparante Y e que é atribuída a um termo comparado X – um sujeito ou circunstância que não é mencionado na EIC, o que permite que a expressão seja empregada em qualquer situação análoga. Entre as EIC analisadas nesse artigo, encontram-se também algumas que, em vez de estabelecer uma relação de *igualdade* entre comparante e comparado pelo uso do símile, se estruturam como uma *comparação de superioridade*, em que o termo comparado X apresenta a propriedade P em grau maior que o do termo comparante Y. Seria o caso, por exemplo, de *Mais viajado que cachorro de tropeiro*, em que Y= *cachorro de tropeiro* é o comparante que apresenta a propriedade P= ser muito *viajado*, já que, para acompanhar uma tropeada, era necessário percorrer muitos quilômetros por vários meses; no entanto, o indivíduo X a quem se aplica a EIC é ainda mais viajado.

Dal Corno e Santos (2014, p. 107) assim representam os dois tipos de relação possíveis nas EIC então analisadas:

[X é/tem] mais P que Y  
ou  
[X é/tem] P como Y  
(DAL CORNO; SANTOS, 2014, p. 107)

As EIC selecionadas para análise no presente trabalho permitem tecer ainda outras considerações e propor uma nova representação notacional. Antes, porém, de apresentarmos essas EIC, faremos uma síntese de elementos de história e cultura relacionados ao fenômeno do tropeirismo no Brasil, em especial os referentes aos muares, de modo a possibilitar a compreensão dos aspectos discursivos e simbólicos nelas presentes.

### **3. Os muares na história do tropeirismo no Brasil <sup>2</sup>**

O território em que hoje se encontra o Estado do Rio Grande do Sul não estava incluído naquele inicialmente destinado à Coroa Portuguesa pelo Tratado de Tordesilhas (1494)<sup>3</sup>. Tampouco ficava próximo o suficiente de algum dos dois grandes núcleos do Vice-Reino da Prata, que a Coroa Espanhola fundara na América em 1542: o mais setentrional no Peru e o mais meridional em Buenos Aires (originando, em 1776, o Vice-Reino do Rio da Prata). Assim, o atual território sul-rio-grandense era uma área geográfica sem demarcação precisa, sem fiscalização ou cuidado, e serviu a muitas finalidades, inclusive para abrigar as missões jesuíticas que aqui chegaram em 1549. Buenos Aires criava, à época, muares para dar apoio às minas de prata no Peru, atividade que se valia da mão de obra de indígenas escravizados. Paralelamente, a criação de gado começou ser uma atividade de interesse, pois a exportação do couro, muito apreciado na Europa, era muito rendosa. Os próprios padres jesuítas iniciaram rebanhos de gado *vacum*, criados soltos na Vacaria do Mar, uma extensa área de terra entre a Lagoa dos Patos e os rios Negro e Jacuí. Isso atraiu a atenção de toda sorte de exploradores, tanto portugueses quanto castelhanos (contrabandistas, ladrões, comerciantes...), o que obrigou os jesuítas a procurar outros campos. Formou-se assim a Vacaria dos Pinhais, espalhando-se pelo planalto e pelos campos de cima da serra. Como isso interessasse aos portugueses, Domingos de Filgueiras abriu um caminho na costa para levar o gado desde a Colônia de Sacramento até Laguna, onde era embarcado. Esse itinerário ficou conhecido como o Caminho da Praia, em descrição datada de 1703, e foi alterado parcialmente por Souza Farias entre 1727

---

<sup>2</sup> As informações condensadas nesta seção foram obtidas nas diversas fontes citadas, entre as quais se destacam trabalhos de pós-graduação em universidades dos Estados da região sul, onde se localizaram as rotas tropeiras de ingresso de muares no Brasil. Relativamente poucas referências oficiais há, na historiografia brasileira, sobre o fenômeno do tropeirismo, o que nos fez pinçar dados em diferentes materiais e procurar estabelecer relações entre eles.

<sup>3</sup> Havia divergência, evidentemente por interesses de ambas as coroas, quanto à real demarcação da linha imaginária do meridiano de que falava o tratado. Numa das versões mais aceitas, o ponto mais ao norte do meridiano passava por Belém, atual capital do Estado do Pará, e o mais ao sul em Laguna, no atual Estado de Santa Catarina.

e 1730: o trajeto final abandonava a costa à altura do Morro dos Conventos e, subindo a serra, alcançava os “campos das Lagens”, rumando daí a Curitiba e depois a Sorocaba, onde se instalara a grande feira de animais. O tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu pensou num caminho melhor, enveredando, em 1732, da costa para o continente na altura de Viamão (Santo Antônio da Patrulha – RS), numa jornada pioneira, em que se uniu “a outros tropeiros, reuniu 3 mil cavalos e mulas, contratou 130 peões e partiu para São Paulo e Minas Gerais, conduzindo a primeira tropa registrada na história da colônia” (RIBEIRO, 2006, p. 142), chegando ao fim da jornada por volta de 1735. Essa iniciativa veio justamente ao encontro da grande necessidade por animais de tração suscitada com o início do ciclo da mineração no Brasil:

A região das minas não tinha estrutura para receber a grande leva de pessoas, que se dirigiam para lá. Faltava casa, comida e, sobretudo, meios de transporte. Os terrenos não eram muito propícios para a agricultura nas regiões das Minas, além de serem pedregosos, eram muito íngremes. O transporte a cavalo não era um bom negócio porque este tipo de animal não suportava as dificuldades de caminhos inóspitos, falta de água. A princípio, o transporte era feito por escravos, indígenas e africanos. Os indivíduos que para lá se dirigiam não estavam interessados na agricultura, e sim no ouro. Muitas foram as pessoas que morreram de fome, por inanição. (PAES, 2001, p. 59)

Este foi, enfim, o fator decisivo para o aumento do ingresso de muares pela província de São Pedro do Rio Grande, “importados da Espanha ou das colônias hispano-americanas”, onde já havia uma experiência positiva de utilização deste animal em colônias espanholas de mineração como Potosí (PAES, 2001, p. 59-60). Em breve se estabeleceram criatórios de mulas, o que resultou em certo conflito:

O crescente comércio desse animal se deu do Sul para as outras regiões da colônia e a importação concorreu com os criadores de cavalo da colônia brasileira. Diante dessa situação, os criadores de cavalo de fazendas do sertão da Bahia, Pernambuco e Piauí vão reclamar junto a Coroa, a qual resolve proibir não só a expansão da utilização de muares como a existência do animal nestas regiões, conforme Carta Régia de 19 de junho de 1761. (PAES, 2001, p. 60)

A proibição, porém, não durou mais que três anos. Reconhecendo o valor e a necessidade desses animais, a Coroa Portuguesa estabeleceu algumas condições, mas permitiu na Carta Régia de 02 de Dezembro de 1764 a retomada da criação de mulas no sul e no centro-oeste. Em Minas Gerais, na Bahia e em outros estados do nordeste brasileiro, a ausência de bons locais para internada dificultou a criação de muares, que só veio a se intensificar com o



aperfeiçoamento de técnicas específicas no final do século XIX, o que colaborou para suprir as necessidades sempre crescentes do mercado, como se pode verificar a seguir:

No século XIX, as tropas já faziam parte do cenário histórico e a sua importância não diminuiu com o declínio da exploração aurífera de Minas Gerais. Muito pelo contrario, as tropas continuaram responsáveis pelo transporte de mercadorias e de mão de obra escrava, para locais onde não existiam vias fluviais navegáveis nem a presença de estradas-de-ferro. Com a chegada da Família Real Portuguesa e com a política de abertura dos portos, houve o aumento da produção de açúcar, algodão e café. Os tropeiros tinham muito que caminhar, levando e trazendo mercadorias e informações, fazendo transporte comercial, ou vendendo animais, de um ponto a outro do Brasil. (PAES, 2001, p 66)

De modo geral, nos estados do sul havia uma preferência pela utilização da mula, enquanto que, de Minas Gerais para o norte, o burro parece, até hoje, ser a melhor opção. De qualquer modo, é um tema que convive com a própria formação do Brasil, como exemplificado neste comentário de Sathler (2003, p. 20): “Falar em tropa e tropeiros é falar da história de Minas Gerais e do Brasil que, em muitos momentos, é uma só.”

É ainda Sathler (2003 p. 21) que comenta: “Muito do que sabemos sobre os tropeiros e do modo viajante da época nos foi narrado pelos naturalistas europeus: os cronistas do século XIX.” O comentário corrobora a ideia de que esse é um tema ainda pouco abordado pela historiografia brasileira, embora a atividade tropeira tenha sido de grande importância para o surgimento e o desenvolvimento econômico de muitas cidades ao longo dos caminhos por onde seguiam as tropas. Este talvez seja um dos motivos pelos quais sejam ainda frequentemente encontradas na linguagem cotidiana fraseologismos ligados a diferentes situações vivenciadas pelos tropeiros em suas jornadas.

Fonseca (2011, p. 3) lembra que criações fraseológicas são “construções permitidas pela língua e absorvidas pela comunidade linguística” e que “é preciso que a comunidade autorize o uso desses fraseologismos e reconheça a base cultural comum para que haja o entendimento”. A revisão dos dados obtidos e as informações disponíveis sobre o fazer tropeiro permitem admitir que existe uma base cultural comum percebida pelas comunidades que tiveram ou ainda têm envolvimento com o tema do tropeirismo. De fato, em publicação que reuniu o fruto de duas pesquisas realizadas em estados emblemáticos para o tropeirismo, Rio Grande do Sul e São Paulo, os historiadores Alves e Oliveira (2012, p. 7) concluíram “que o *vai e vem* das tropas trouxe e levou usos e costumes de uma região para outra, entre os quais os falares comuns aos

gaúchos e paulistas, sofrendo pequenas alterações, mas com o mesmo significado.” É nesse sentido que Dal Corno e Santos (2014), ao analisarem EIC que têm como tema o tropeirismo, propõem:

Apesar da amplitude de tempo e espaço envolvida, os tropeiros podem ser considerados um grupo social, já que, em função da constância do ofício, compartilharam hábitos, atividades, rotinas, vestimentas e culinária típicas, além de enraizarem no imaginário social mitos, histórias e ditos que representam sua história e visões de mundo. (DAL CORNO; SANTOS, 2014, p. 110)

A cultura tropeira tem sido bastante exaltada nos últimos tempos, com eventos que procuram resgatar (ou ressignificar) algumas tradições, e até com a instituição de dias ou semanas comemorativas ao tropeirismo. Em algumas cidades do Rio Grande do Sul e do Paraná, por exemplo, foram erguidos até monumentos para homenagear a mula<sup>4</sup>, dada a sua importância para o desenvolvimento econômico e social das comunidades ao longo das rotas.

O burro e a mula, assim, eram animais presentes no cotidiano do tropeiro, muito mais do que cavalos ou éguas. No sul, além de meio de transporte dos próprios tropeiros, as mulas eram também mercadoria (mulas xucras) e, após o encerramento da feira de Sorocaba em 1897, passaram a ser utilizadas para carregar mercadorias diversas. Isso faz com que Villela (2004, p. 616) problematize: “exaltam-se os tropeiros... mas pouco se referem à figura mais importante desses acontecimentos, sem a qual talvez não tivesse ocorrido o tropeirismo... ou teria sido tudo bem diferente.”

Pesquisadores sobre o tropeirismo são unânimes em afirmar que o burro e a mula são os animais mais frequentemente citados na referência às atividades cotidianas do tropeiro. Assim, não seria de se estranhar sua grande popularização na forma de expressões idiomáticas, provérbios e ditados que exploram diversas características desses animais. Pensando nisso, realizou-se, para o presente trabalho, um levantamento de expressões idiomáticas de matriz comparativa – EIC – contendo os zoônimos *burro* e *mula*.

### 3.1 O burro e a mula: breves informações

A análise das EIC que incluem os zoônimos *mula* e *burro* só pode ser feita a contento

---

<sup>4</sup> No município de Caxias do Sul (RS), por exemplo, existem monumentos à Mulinha nos distritos de Fazenda Souza, Vila Seca, Vila Oliva, bem como o Monumento aos Tropeiros no distrito de Criúva.

se forem explicitados alguns dados técnicos sobre os muares, que procuramos apresentar a seguir. Em primeiro lugar, deve-se compreender que:

Burro é o nome dado ao filhote macho do cruzamento entre o jumento, também chamado de asno ou jegue (*Equus asinus*), com a égua, ou cavalo fêmea (*Equus caballus*). Quando se trata de uma fêmea resultante desse cruzamento, falamos em mula.

Como são indivíduos resultantes do cruzamento entre espécies com número de cromossomos diferentes, apresentando número ímpar de cromossomos, burros e mulas tendem a nascer estéreis. (ARAGUAIA, s.d., p. 1)

As mulas parecem ter reunido as melhores características de ambos os progenitores, e por isso eram mais apreciadas e valorizadas já no início da ocupação das terras ao sul. Ribeiro (2006, p. 139) traz relato do jesuíta alemão Antonio Sepp: “Um cavalo vale no máximo um táler – não em dinheiro, mas em tabaco, erva-mate, agulhas, alfinetes, facas ou anzóis de pesca. Para uma mula, porém, os espanhóis pagam em Buenos Ayres e Santa Fé quatorze táleres [...]”. Ainda hoje a mula é amplamente utilizada para transporte de carga em regiões montanhosas mundo afora, custando aproximadamente 20 por cento a mais que um cavalo e 40 por cento a mais que um burro (cf. KAUSCH, 2010).

As qualidades que tornam esses os animais ideais para transporte de homens e cargas incluem as descritas a seguir:

São muito resistentes, dóceis e com grande capacidade de equilíbrio, atravessando, com agilidade, trilhas estreitas, sinuosas, pedregosas, acidentadas e íngremes. [...]

Graças a esses atributos, tais animais foram amplamente utilizados no transporte de cargas, tais como alimentos e mercadorias; sendo, por isso, tratados como indivíduos de grande estima. (ARAGUAIA, s.d., p. 1)

No entanto, alguns defeitos também podem ser apontados – e geralmente são os traços mais lembrados quando se pensa nos muares. Na seção “Mundo Animal” da revista *online Mundo Estranho*, o veterinário Alexandre Gobesso ressalta que os “burros e as mulas têm como característica principal a forte ‘personalidade’. São animais que exigem muita perseverança e um trabalho específico para serem domados”. A teimosia é um dos traços mais lembrados na referência a muares, gerando epítetos, fraseologismos de base verbal, provérbios, ditados e expressões idiomáticas equivalentes em diferentes idiomas. *Teimoso como uma mula*, por exemplo, tem equivalentes em inglês (*Stubborn as a mule*) e espanhol (*Terco como una mula*).

Aliás, é esse comportamento difícil que pode ter dado margem à associação dos muares

com pouca inteligência, especialmente o burro, haja vista o emprego pejorativo dessa lexia em sua forma adjetival como sinônimo de *toló* ou *ignorante*. Embora não incluamos neste trabalho provérbios ou EI que façam referência a essa alegação, é interessante observar a possível origem da associação, como sistematizou Vercesi (2012):

Por volta de 600 a.C., o burro já era tratado em histórias como teimoso, bobo e ignorante. [...] Posteriormente, essas histórias foram passadas para o papel e popularizadas por Fedro, no século 1, e pelo francês Jean de La Fontaine, no século 17.

Palavras associando o burro à estupidez e à ignorância começaram a aparecer no século 2: a expressão *asinina cogitatio* (“raciocínio de burro”, em latim) fazia parte da obra de Lucius Apuleius, autor de *O Asno de Ouro*, sobre um homem que vira um asno.

Proprietários e criadores de burros e mulas consideram essa crença totalmente infundada e até injusta. Numa lista de propriedades que apontam a superioridade da mula em relação ao cavalo como animal de tração, Kausch (2010) inclui a seguinte afirmação: “acredita-se que as mulas têm maior habilidade cognitiva do que os seus pais”.

Grande parte das características aqui sistematizadas foi assimilada pela sabedoria popular e cristalizada em unidades fraseológicas. Na consulta a antologias, trabalhos acadêmicos e dicionários de fraseologia, localizamos 15 EIC, ou seja, expressões idiomáticas estruturadas como comparações, referindo *burro* e *mula* que podem ser associadas ao contexto do tropeirismo, seja na forma tradicional ocorrida em séculos passados, seja nas versões modernas do transporte de cargas por tração animal, ainda verificado no interior de certas regiões do Brasil.

#### **4. Expressões idiomáticas de matriz comparativa (EIC) incluindo os zoônimos *mula* e *burro***

Observa-se em estudos recentes sobre a fraseologia em língua portuguesa uma preocupação de cunho científico com a coleta e análise de toda sorte de unidades fraseológicas, muitas das quais incluem zoônimos. Destacamos aqui apenas alguns trabalhos que contemplam expressões idiomáticas que incluem *mula* ou *burro*, embora nem todas sejam EIC.

Pastore (2009), dando sequência à pesquisa iniciada em sua dissertação de mestrado (FALCÃO, 2002), estuda expressões idiomáticas brasileiras e americanas, fazendo um estudo contrastivo no campo da simbologia animal a partir de *corpora*. Especificamente sobre o burro e a mula, a estudiosa explica a presença desses animais em expressões devido a algumas

circunstâncias: referência à mitologia grega – quando são tidos como desafinados –; a ideia de teimosia, resultante dos casos em que ficavam “empacados” nos atoleiros”; associação ao trabalho e, muitas vezes, ao sofrimento, já que vêm sendo usados por séculos para transporte de carga (PASTORE, 2009, p. 87-88). O objetivo último do trabalho da autora era a elaboração de um dicionário inglês/português de expressões idiomáticas incluindo zoônimos.

Riva (2009) propõe em sua tese de doutorado um dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas da língua portuguesa, entre as quais inclui os fraseologismos *Mula manca* e *Burro como uma porta*, fazendo referência à crença popular sobre a pouca inteligência dos muars. O primeiro é um epíteto usado como insulto, em que o adjetivo *manca* provavelmente está sendo usado em sentido figurado como sinônimo de *estúpido*, *bronco* (cf. HOUAISS; VILLAR, 2002). No segundo, como comentamos anteriormente, atribui-se à *porta* de maneira imotivada o sema *pouca inteligência*, concentrado na forma adjetiva *burro*.

Em dissertação sobre a referência a animais em provérbios portugueses, Venclovská (2010) traça um breve histórico da presença dos animais nas civilizações humanas, complementando com um levantamento de provérbios e outros fraseologismos zoônimos e buscando para eles explicações em diferentes fontes. É de especial interesse para este artigo a explicação trazida para *Dar com os burros n'água*., que a autora extraiu do *website* Lusofonias:

A expressão surgiu no período do Brasil colonial, onde tropeiros que escoavam a produção de ouro, cacau e café precisavam ir da região Sul à Sudeste sobre burros e mulas. O facto era que muitas vezes esses burros, devido à falta de estadas adequadas, passavam por caminhos muito difíceis e regiões alagadas, onde os burros morriam afogados. (Disponível em [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net), apud VENCLOVSKÁ, 2010, p. 49-50)

Fonseca (2013) levanta, organiza e analisa os fraseologismos zoônimos do português, ou fraseologismos criados a partir de nomes de animais, e seus equivalentes em francês. A investigadora cita ao longo de sua dissertação de mestrado diversas expressões, das quais destacamos *Burro como uma porta* (= pessoa pouco inteligente) e a unidade fraseológica de base verbal *Dar com os burros n'água* (= falhar, não ter sucesso). A autora traz ainda o epíteto *Mula empacada*. O trabalho reflete que “os fatos de as culturas brasileira e francesa serem separadas geograficamente, serem de origem distintas, terem percursos históricos diferentes,

influenciam nas representações que se materializam na construção das unidades do léxico” (FONSECA, 2013, p. 165).<sup>5</sup>

No *Dicionário brasileiro de fraseologia*, extensa compilação de fraseologismos da língua portuguesa, Silva (2013) traz a unidade fraseológica de base verbal *Trabalhar como uma besta/um burro* e as EIC *Teimoso como um burro* e *Teimoso como uma mula*, que serão explicadas adiante.

As EIC selecionadas para análise encontram-se no quadro 1 a seguir, organizadas, alfabeticamente, em dois campos, de acordo com sua estrutura: as que apresentam uma relação de igualdade entre comparante e comparado e as que apresentam relação de superioridade. As principais fontes consultadas para a coleta das EIC, além dos trabalhos mencionados, são: *Linguajar tropeiro* (ALVES; OLIVEIRA, 2012), *Dicionário gaúcho-brasileiro* (BOSSLE, 2003); *Dicionário gaudério* (FISCHER; ABREU, 2011); *Contos gauchescos e lendas do sul* (LOPES NETO, 1976); e *Dicionário gaúcho* (OLIVEIRA, 2010). Foram também consultados dicionários de língua geral, a saber: *MICHAELIS: moderno dicionário de língua portuguesa* (MICHAELIS, 1998), *Novo Aurélio século XXI* (FERREIRA, 1999) e *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2002).

Quadro 1. Expressões idiomáticas de matriz comparativa (EIC) relacionadas ao tropeirismo

<b>Relação de igualdade</b> [X é/tem] P como Y [X] <i>fazer algo</i> como Y	<b>Relação de superioridade</b> [X é/tem] mais P que Y [X] <i>fazer algo</i> mais que Y
a) Trabalhar como um burro. b) Trabalhar como um burro de carga. c) Correr mundo igual a burro com carga. d) Suar como um burro. e) Empacado como uma mula. f) Lerdo como uma mula guaxa. g) Raro como mula parida. h) Sabido como burro velho. i) Seguidito e ligeiro como pinote de mula. j) Teimoso como burro aporreado. k) Teimoso como uma mula.	1. Mais carregado que burro de mascate. 2. Mais demorado que parto de mula. 3. Mais escandaloso que relincho de burro chorro. 4. Mais lanho que burro empacado.

Fonte: Compilado pelos autores a partir de Alves e Oliveira (2012), Bossle (2003), Fischer e Abreu (2011), Lopes Neto (1976), Oliveira (2010), Silva (2013).

Na sequência, analisaremos as 11 EIC que apresentam relação de igualdade e as 4 EIC

<sup>5</sup> Merece destaque também nesta dissertação a elaboração de uma linha de tempo representativa do histórico da fraseologia no Brasil e em países precursores, que pode ser uma excelente fonte de consulta aos pesquisadores interessados no tema.

que apresentam relação de superioridade, procurando, por um lado, estabelecer relações com a temática do tropeirismo e, por outro, verificar, particularidades da estrutura desses fraseologismos.

#### 4.1 EIC com relação de igualdade

Foram identificadas nas obras pesquisadas 11 EIC em que se verifica uma relação de igualdade do grau em que a propriedade P (atributo ou elemento qualificador) é atribuída ao termo comparante Y e a um termo comparado X não mencionado. Em quatro delas, a propriedade não é expressa por um adjetivo, mas sim construída a partir de um verbo. Como diz Vale (1999, p. 166), as comparações, no primeiro caso, reforçam a ideia do adjetivo, enquanto no segundo “nada mais fazem do que modificar o verbo em seu núcleo.”

##### 4.1.1 EIC de igualdade com propriedade P indicada por adjetivo

- *Empacado como uma mula.*
- *Lerdo como uma mula guaxa.*
- *Raro como mula parida.*
- *Sabido como burro velho.*
- *Seguidito e ligeiro como pinote de mula.*
- *Teimoso como burro aporreado.*
- *Teimoso como uma mula.*

Algumas características peculiares dos muares aparecem nesse conjunto de EIC. A um sujeito ou circunstância X é atribuída uma característica P que está presente ou é marca forte pressuposta no comparado Y, formando assim a EIC, que pode ser assim notacionalmente representada:

[X é/tem] P como Y

em que nem X, nem o verbo que expressa a relação são mencionados (por isso registrados entre colchetes [ ]).

Conforme observado por Vale (1999, p. 165), são expressões praticamente transparentes, uma vez que os semas contidos nos diferentes itens lexicais são facilmente decodificáveis, pelo menos sincronicamente.

*Empacado como uma mula, Teimoso como burro aporreado e Teimoso como uma mula* remetem à característica negativa da teimosia popularmente associada aos muares (o que gera expressões em outras línguas com conteúdo semântico equivalente, como vimos anteriormente

no exemplo nas versões em inglês e em espanhol). Essa “personalidade forte” é perceptível quando o animal se recusa a seguir adiante (o que pode se dar por diversas razões), teimando em ficar parado, portanto, empacado e/ou insistindo num determinado tipo de comportamento. Segundo o *Dicionário gaúcho*, *empacar* corresponde ao *ato de emperrar; firmar-se manhosamente nas patas*, praticamente impossibilitando que alguém consiga fazer o animal seguir viagem. Não era algo incomum durante a jornada tropeira, já que situações diversas podiam desencadear tal reação do muar; com o burro ou a mula empacados, nada mais se podia fazer a não ser esperar que desempacassem. Essas ideias são complementadas com a adjetivação *aporreado* que acompanha *burro*: diz-se do animal que não se deixa domar ou amansar (cf. BOSSLE, 2003; OLIVEIRA, 2010). **Emprego:** As EIC destacadas neste parágrafo são geralmente empregadas em circunstâncias nas quais, analogamente, pessoas ou situações não evoluem, não encontram um desfecho, ou quando pensamentos e ideias não fluem.

A apreensão da EIC *Lerdo como uma mula guaxa* depende da compreensão do adjetivo *guaxo* (também grafado *guacho*) que, embora não tenha um significado opaco, não é de conhecimento geral fora do contexto rural. Diz-se *guaxo* do animal que é criado por outro que não a própria mãe, o que o torna, de certa forma, mais carente e manhoso. A égua que gera a mula ou o burro geralmente tem a função apenas de procriar, não acompanhando o filhote. Outro aspecto peculiar aos muares é que a mula resultante do cruzamento de uma égua com um burrico tende a ser mais lerda, como uma característica geneticamente impressa. **Emprego:** essa EIC pode ser aplicada numa analogia a situações e processos cujo desfecho é muito demorado.

*Raro como mula parida* faz referência à alta improbabilidade de uma mula ser fértil e, portanto, poder parir.<sup>6</sup> O mesmo sentido se localiza num ditado latino, *Cum mula peperit*, equivalente a “Quando uma mula parir”, que refere a algo extremamente improvável. **Emprego:** o resultado da analogia feita ao se aplicar a uma situação fora do contexto animal é a constatação da quase impossibilidade de algo acontecer, ou, por outro lado, da grande surpresa por ter acontecido.

*Sabido como burro velho*, mais que aludir à inteligência que criadores observam nesse animal, constrói seu sentido a partir do reconhecimento da sabedoria que pode ser adquirida através da experiência e da idade. A mesma ideia pode ser encontrada em outros fraseologismos, por exemplo, em provérbios como *Macaco velho não põe a mão em cumbuca* (cf. SILVA, 2013,

---

<sup>6</sup> Na última década, tem-se notícia de menos de cinco casos em todo o mundo.



p. 448) ou *O diabo sabe mais por velho que por diabo*. **Emprego:** em tal EIC, estabelece-se uma analogia entre o termo comparante e uma pessoa experiente que, justamente por isso, evita situações de risco ou perigo potencial.

Por fim, *Seguidito e ligeiro como pinote de mula* faz referência ao salto que muares e cavaleiros dão quando escoiceiam; ou seja, para poder dar o coice, o animal se firma nas patas dianteiras e dá um golpe para trás com as traseiras. Pelo que se depreende da EIC, a mula dá uma sequência rápida de pinotes. Embora o fraseologismo *dar o pinote* tenha uma acepção própria equivalente a *fugir* (da cadeia ou de uma situação/pessoa desagradável), no contexto do tropeirismo realmente refere uma ação própria da mula. **Emprego:** a EIC pode ser aplicada a situações que se caracterizem pela repetição rápida e forte de algum movimento ou ação.

#### 4.1.2 EIC de igualdade construídas a partir de verbo

- *Trabalhar como um burro.*
- *Trabalhar como um burro de carga.*
- *Correr mundo igual burro de carga.*
- *Suar como um burro.*

Diferentemente das anteriores, nas quatro EIC aqui apresentadas não há um adjetivo indicativo de propriedade: elas se formam a partir de um verbo que indica uma ação típica do animal, o burro. A presença de verbos indicativos de ação ocupando a posição da propriedade P no sintagma da comparação permite propor uma nova representação notacional para a estrutura da EIC, como segue:

[X] *fazer algo* como Y

em que a ação é representada pela forma genérica abstrata *fazer algo*.

Podem ser consideradas transparentes, no sentido de que os semas contidos nos diferentes itens lexicais são facilmente decodificáveis (o sintagma *correr mundo* talvez seja um pouco menos transparente que os demais, como veremos adiante).

As EIC *Trabalha como um burro* e *Trabalha como um burro de carga* são equivalentes em sentido no contexto do tropeirismo, uma vez que a principal tarefa prestada pelo burro era justamente o transporte de carga. **Emprego:** Alves e Oliveira (2012, p. 37) explicam o que já parece ser consensual na sabedoria popular, que essas EIC geralmente se aplicam a uma pessoa que trabalha bastante. Empregar uma dessas expressões, não raro, equivale a uma forma de queixa ou reclamação do locutor que, ao fazer a afirmação, quer dizer que está com uma carga

excessiva de trabalho (às vezes insinuando que o interlocutor ou outras pessoas implicadas não trabalham o suficiente).

*Correr mundo igual a burro com carga* e *Suar como um burro* não podem ser considerados aplicáveis exclusivamente ao contexto do tropeirismo, mas também aludem ao universo do trabalho do burro e às situações enfrentadas durante os períodos na estrada. O fraseologismo *correr mundo* também ocorre isoladamente, sem a comparação, trazendo a mesma ideia de *viajar muito*, conforme nos diz Silva (2013, p. 424). Essa é a EIC menos transparente das aqui analisadas. Já o sudor do burro é justificado pelo esforço empreendido no carregamento da carga em longas e distantes viagens, por vezes sob o sol e o calor. **Emprego:** aplicada a situações cotidianas, a primeira EIC serve para caracterizar algo ou alguém que viaja bastante ou que circula em diferentes e distantes lugares, espalhando-se rapidamente, enquanto a segunda pode ser uma referência a indivíduos que apresentam sudorese excessiva.

#### 4.2 EIC que apresentam relação de superioridade

- *Mais carregado que burro de mascate.*
- *Mais demorado que parto de mula.*
- *Mais escandaloso que relincho de burro chorro.*
- *[Ter] mais lanho que burro empacado.*

Foram identificadas nas obras pesquisadas quatro EIC cujo conteúdo semântico pode ser relacionado ao tropeirismo, nas quais se verifica uma relação de superioridade: a propriedade P (atributo ou elemento qualificador) é atribuída ao termo comparante Y, mas o termo comparado X, não mencionado, a apresenta em ainda maior grau ou quantidade. Em apenas uma dessas EIC, a propriedade não é expressa por um adjetivo, mas sim por um substantivo, que pressupõe um verbo (sugerido aqui entre colchetes).

As EIC que apresentam uma relação de superioridade podem ser assim representadas:

[X é/tem] mais P que Y

ou

[X] fazer algo mais que Y

A EIC *Mais carregado que burro de mascate* introduz a figura do mascate, vendedor ambulante, que, mesmo não andando em tropa, se valeu do princípio de comércio dos tropeiros: levar a mercadoria até onde se encontra o freguês. Para tornar a viagem mais rendosa, evidentemente, era melhor encetá-la com o maior carregamento possível, o que permitiria mais

vendas numa mesma viagem. **Emprego:** aplica-se na vida cotidiana a situações em que, analogamente, alguém ou algo esteja transportando ou carregando tal volume de coisas que produza na mente do interlocutor uma associação com o mascate.

Em *Mais demorado que parto de mula*, alude-se à alta probabilidade de a mula ser estéril, ou seja, não parir. **Emprego:** pode ser uma forma de ironizar um indivíduo excessivamente moroso ou uma situação que se estende no tempo, que pode nunca se resolver.

Para *Mais escandaloso que relincho de burro chorro*, Fischer e Abreu (2011, p. 143-144) tecem comentários a respeito da sonoridade da frase e da diferença de denominação dos animais no sul e no nordeste do Brasil, perdendo um detalhe semântico importantíssimo para a composição do significado desta EIC. A consulta a dicionários de língua geral permite identificar essa lexia com a grafia *burro-choro*, usada para referir o jumento encarregado da reprodução com uma manada de éguas – ou como se diz na linguagem dos criadores, “cobrir as éguas”. É também chamado *hechor*, termo originado do espanhol rio-platense, significando “aquele que faz”. O relincho é provavelmente uma manifestação provocada pela própria situação: cobrir todas as éguas de uma manada não pode exigir menos que um escândalo por parte desse “garanhão asinino”. **Emprego:** algo ou alguém mais escandaloso que isso realmente merece que se lhe aplique esta EIC.

Já a EIC *Mais lanho que burro empacado*, que pressupõe o verbo [Ter] como marcador da relação, remete ao estado de ferimentos resultantes de chicotadas aplicadas no lombo do animal quando o condutor do animal tenta dissuadi-lo da obstinação em não se mover (o *estar empacado*), prática infelizmente comum ainda hoje. **Emprego:** ao se aplicar a um indivíduo, o que se evidencia é a causa dos ferimentos (metafóricos, evidentemente): o sujeito está sempre emperrado, relutante em seguir adiante ou ferrenhamente obstinado em permanecer numa situação, sofrendo com isso (os *lanhos*), mas nem assim fazendo algo que altere a situação.

#### 4.3 Outras observações quanto à estrutura das EIC analisadas

Nas EIC selecionadas para esta análise, observa-se, na estrutura comparativa que marca relação de igualdade, a preferência pelo uso de COMO como elemento de ligação. Tem-se em todos os casos uma comparação explícita, com o uso da conjunção assinalando a propriedade do comparado e estabelecendo a relação entre o comparado e o comparante. Alternativamente, observa-se a variante IGUAL A (*Correr mundo igual a burro com carga*). Outras duas variantes foram localizadas, mas não analisadas aqui, pelo fato de não se referirem especificamente ao

contexto do tropeirismo. São elas: a variante informal QUE NEM (Ex.: *Criticado que nem burro em penca*) e a forma culta TÃO... QUANTO (Ex.: *Tão idiota quanto uma mula*).

Em síntese, propomos uma nova configuração para a representação das EIC de igualdade e superioridade, como segue:<sup>7</sup>

[X é/tem] P como Y ou [X] *fazer algo* como Y

e

[X é/tem] mais P que Y ou [X] *fazer algo* mais que Y

## 5. Uma leitura final a partir das análises empreendidas

No contexto do tropeirismo, como se viu, o burro e a mula foram utilizados durante muito tempo como meio de transporte, além de serem mercadoria a ser vendida. Desde esse período em que os tropeiros cruzaram o país até os dias de hoje, várias são as características que marcam esses animais e os tornam apreciados e valorizados – para usar um fraselogismo significativo, o burro e a mula “caíram nas graças do povo”.

Uma das características positivas mais aludidas nas EIC analisadas é a resistência ao trabalho com cargas, que está presente no verbo *trabalhar*, no adjetivo *carregado*, no substantivo *carga*. Já como característica negativa, evidencia-se a *teimosia*, sema presente nos adjetivos *teimoso*, *empacado*, que se relacionam à imobilidade ou morosidade presente, em *lerdo* e *demorado* e, de certa forma, implicada no substantivo *lanho*.

Um último olhar sobre esse conjunto de resultados sugere ainda uma outra leitura. Praticamente todas as EIC que mencionam *mula* são associadas a características depreciativas da “personalidade” dos muares: *empacada*, *teimosa*, *lerda*, *demorada*, exceto quando o tema é a condição fisiológica de fertilidade que é muito *rara*. Essa também não deixa de ser uma característica negativa, quando se pensa que a ausência de prole é mais custosa para um criador de animais. As EIC construídas a partir desses adjetivos funcionam como um qualificador negativo.

Por outro lado, evidencia-se a associação do burro com verbos e/ou adjetivos que enaltecem sua grande capacidade para o trabalho, como já destacamos anteriormente:

<sup>7</sup> A representação notacional aqui sugerida baseia-se nas estruturas das EIC analisadas até o momento, o que não impede que, em se ampliando o *corpus* de estudo, se possa posteriormente aprimorar a proposta, de modo a contemplar de forma mais abrangente outras expressões.

*trabalhar, suar, correr mundo, carregado*. Ainda associados ao burro estão os atributos positivos de bom desempenho sexual (depreendido de *escandaloso*) e grande experiência (*sabido*). As EIC funcionam, assim, como qualificadores positivos.

Não seria talvez incorreto afirmar, assim, que, ao cristalizar a forma das EIC, a sociedade que legitima esse discurso também deixa transparecer outros valores legitimados, como os papéis atribuídos aos gêneros. As EIC analisadas mantêm seu uso ao longo da história, com referência às ideias e circunstâncias inerentes exclusivas ou com forte ênfase ao tropeirismo. A manutenção e reprodução das estruturas dessas expressões – e seus respectivos sentidos – pode ser vista como um exemplo de *ressonância discursiva*, já que “a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua” (SERRANI, 1993, p. 47). A ressonância se dá a partir de resquícios parafrásticos; ou seja, o discurso e seus respectivos sentidos são construídos e reconstruídos pelas gerações, na e pela história.

Deste modo, reitera-se a importância de estudar a fraseologia de uma língua como modo de não só de conhecer seus aspectos linguísticos como também de se aproximar de suas representações histórico-culturais, por vezes resgatando aspectos esquecidos ou negligenciados pela historiografia, como parece ter sido o caso do tropeirismo no Brasil.

## Referências

- ALVES, L. A.; OLIVEIRA, S. C. de. **Linguajar tropeiro**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.
- ARAGUAIA, M. **Burros e mulas (Gênero Equus)**. Disponível em <http://www.mundoeducacao.com/biologia/burro.htm>. Acesso em: 15 set. 2014.
- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BARONOV, A. N.; DOBROVOL'SKIJ, D. O. *Aspekty teorii frazeologii*. Moskva: 2008. In: DOBROVOL'SKIJ, D. *Phraseology: historical development and theoretical aspects*. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- BORGES, S. da S.; BORGES, G. B. Criatório de mulas em Bom Jesus: história, economia e turismo. In: SANTOS, L. M. S.; BARROSO, V. L. M. (Orgs). **Bom Jesus na Rota do Tropeirismo no Cone Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.
- BOSSLE, B. **Dicionário gaúcho-brasileiro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

DAL CORNO, G. O. M.; SANTOS, O. J. S. dos. Expressões idiomáticas e a relação entre língua, história e cultura: o tropeirismo em ditos populares. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. VII. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014.

FALCÃO, P. C. S. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais**. 2002. 221 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Disponível em [http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100109/pastore\\_pcf\\_dr\\_sjrp.pdf?sequence=1](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100109/pastore_pcf_dr_sjrp.pdf?sequence=1). Acesso em 12 set. 2014.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, L. A.; ABREU, I. **Dicionário gaudério**. Caxias do Sul: Belas Artes, 2011.

FONSECA, H. da C. Fraseologismos zoônimos: elaboração de base de dados. In: **Anais do SILEL**. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: [http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011\\_625.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_625.pdf). Acesso em: 12 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Fraseologismos zoônimos: elaboração de base de dados Português-Francês**. 2013. 187 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Câmpus São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Disponível em: [http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86540/fonseca\\_hc\\_me\\_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86540/fonseca_hc_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 12 set. 2014.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0.5a. São Paulo: Objetiva, 2002. 1 CD-Rom.

KAUSCH, M. Tudo sobre animais de carga usados em montanhas. Artigo postado em 23 ago. 2010. Disponível em: <http://altamontanha.com/Artigo/2561/tudo-sobre-animais-de-carga-usados-em-montanhas>. Acesso em 8 ago. 2014.

LOPES NETO, S. **Contos gauchescos e lendas do sul**. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

MEJRI, S. Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique. In: **L'information grammaticale**, n. 76, p. 50-51, 1998. Disponível em: [/web/revues/home/prescript/article/igram\\_0222-9838\\_1998\\_num\\_76\\_1\\_2893](/web/revues/home/prescript/article/igram_0222-9838_1998_num_76_1_2893). Acesso em: 9 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Délimitation des unités phraséologiques. In: ALVAREZ, Maria L. O. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

MICHAELIS: moderno dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

OLIVEIRA, A. J. de. **Dicionário gaúcho**: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades Porto Alegre: AGE, 2010.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. 2 ed. Campinas: Pontes, 2005.

PAES, J. M. **Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no Alto Sertão Baiano**. Universidade Federal da Bahia Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Mestrado em História 2001. 164 f. Disponível em: <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/Tropas-e-tropeiros-na-primeira-metade-do-seculo-XIX.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

PASTORE, P. C. F. Expressões idiomáticas americanas e brasileiras: um estudo contrastivo baseado na simbologia animal. **Revista Trama**, v. 5, n. 9, p. 85-98, 1º semestre de 2009.

QUAL A DIFERENÇA entre jumento, mula, burro, jêgue e asno. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-a-diferenca-entre-jumento-mula-burro-jegue-e-asno>. Acesso em: 11 set. 2014.

RIBEIRO, J. H. **Os tropeiros**: diário da marcha. São Paulo: Globo, 2006.

RIVA, H. C. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. 2009. 315 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. UNESP - São José do Rio Preto, 2009. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/100104>. Acesso em: 10 set. 2014.

SANTOS, L. M. S.; BARROSO, V. L. M. (Orgs.). **Bom Jesus na Rota do Tropeirismo no Cone Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

SATHLER, E. B. **Tropeiros & outros viajantes**. Niterói: PPGSD-UFF/ Edição do Autor, 2003. (Série Pesquisas n.1). Disponível em: <http://www.ambiental.adv.br/tropeiros.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

SERRANI, S. M. **A linguagem na pesquisa sociocultural**: um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SILVA, J. P. da. **Dicionário brasileiro de fraseologia** (versão preliminar). Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: [http://www.josepereira.com.br/\\_DBF\\_2013.pdf](http://www.josepereira.com.br/_DBF_2013.pdf). Acesso em: 12 set. 2014.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2005.

URBANO, H. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. **Revista Investigações**, v. 21, n. 2, p. 31-56, jul. 2008. Disponível em: [http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.21.2/Hudinilson\\_Urbano.pdf](http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.21.2/Hudinilson_Urbano.pdf) . Acesso em 7 set. 2011.

VALE, O. A. Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. **Signótica**, n. 11, p. 163-172, jan./dez. 1999.

VERCESI, A. A. Por que o burro virou símbolo da ignorância. **Mundo estranho**, n. 125, junho 2012. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-o-burro-virou-simbolo-da-ignorancia>. Acesso em 8 ago. 2014.

VILLELA, L. M. C. Resgate à figura da mula. In: SANTOS, L. M. S.; BARROSO, V. L. M. (Orgs). **Bom Jesus na Rota do Tropeirismo no Cone Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

XATARA, C. A comparação nas expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, 41, p. 211-222, 1997.

\_\_\_\_\_. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**. São Paulo, 42 (n. esp.). p. 147-159, 1998a.

\_\_\_\_\_. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**. São Paulo, 42. p. 169-176, 1998b.

Artigo recebido em: 15.09.2014

Artigo aprovado em: 09.12.2014